

Narrar a experiência

Maria Tereza Antonia Cardia

Tempos de velocidade, quando tudo é para ontem e nos ocupamos só do amanhã. Avidéz pelas notícias que se sucedem e rapidamente perdem interesse. Convívio com os últimos modelos das mais avançadas tecnologias, logo tornadas obsoletas. Voracidade pelas informações e a necessidade imperiosa de ter opinião formada sobre tudo – como cantava Raul Seixas em *Metamorfose ambulante*. Acúmulo de trabalho, correria... Todo esse contexto que nos é tão familiar, também é solo árido para que a experiência, no sentido benjaminiano¹, se dê.

1. Walter Benjamin, importante pensador da primeira metade do século XX, registrou suas reflexões sobre narrativa e experiência em "O narrador", publicado em *Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura* (São Paulo: Brasiliense, 1994).

A *experiência* é amiga do silêncio; da contemplação; do parar para olhar, sentir, ouvir, pensar, escutar sem julgar; da abertura para novas compreensões; é preciso deter-se nos detalhes, cultivar a delicadeza. Falando para educadores, Jorge Larrosa Bondía², um estudioso da obra de Benjamin, nos diz que o sujeito da *experiência* está aberto à própria transformação, é receptivo, vulnerável,

2. Jorge Larrosa Bondía. "Notas sobre a experiência e o saber da experiência". *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, jan./abr., 2002, pp. 20-28.

Maria Tereza Antonia Cardia

é doutora em psicologia da educação e integrante da equipe da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.



“ex-posto”, ao contrário daquele a quem nada acontece – o firme, forte, inatingível. A *experiência* é o que nos toca, e não o que se passa ou o que acontece; a experiência é única, não pode ser repetida, e carrega consigo uma dimensão de incerteza e imprevisibilidade. Diante de um mesmo acontecimento, cada pessoa faz sua *experiência* singular. O *saber da experiência* deriva da elaboração de sentido sobre o que nos acontece.

Walter Benjamin afirma que em uma época pobre de *experiências* a arte de narrar, exercida por nossos ancestrais, está gradualmente desaparecendo – já não há narradores nem ouvintes. A narrativa, diz ele, é construída a partir da *experiência*, seja ela própria ou relatada por terceiros, e, ao contrário da informação, traz ensinamentos de vida que suscitam reflexão e conservam interesse por muitas e muitas gerações.

Embora a *experiência* seja intransferível, por meio da **palavra** (oral ou escrita) podemos compartilhá-la com os demais, assim como tomar contato com a experiência do outro. O narrador molda a narrativa artesanalmente, imprime sua marca pessoal, “como a mão do oleiro na argila do vaso”, e costuma recorrer a astúcias para prender a atenção, tal como Sherazade em *As mil e uma noites*. Narra com exatidão, mas evita dar explicações e deixa a interpretação a cargo do leitor ou ouvinte, afirma Benjamin.

Trazendo essa discussão para o campo da educação, a professora Maria Isabel da Cunha³ afirma que, ao narrar, o sujeito organiza as ideias, reconstrói a experiência, lembra, reflete, podendo chegar a uma nova

compreensão de si mesmo, de sua prática e dos outros. Salienta que a narrativa pode ser transformadora: da mesma maneira que a experiência alimenta a narrativa, esta também produz a realidade – enquanto contam suas experiências, as pessoas expressam intenções e projetos, de modo que o vivido se entrelaça ao que estão por viver.

Por fazer parte da equipe da Olimpíada, tenho entrado em contato com vários relatos de prática de professores que desenvolveram as sequências didáticas presentes nos *Cadernos do Professor*⁴, enviados para as escolas públicas. Encantada com os textos, paralelamente ao trabalho, dediquei-me ao estudo dos relatos. Nesse percurso, fui ajudada pelos autores cujas ideias quis trazer aqui para tratar da relevância de relatar a prática docente.

Em diversos materiais produzidos pelo programa sugerimos o registro da prática e a elaboração de relatos e temos dado orientações mais detalhadas aos professores participantes da etapa semifinal. Como dar ao professor orientações que o ajudem a narrar sua experiência, respeitando sua liberdade criativa? Como dar orientações que permitam à equipe conhecer melhor a prática em sala de aula para reorientar as ações formativas do programa de modo a atender cada vez mais as necessidades identificadas? O histórico da página seguinte traduz o modo como a equipe tem procurado responder a essas preocupações. A cada edição, com base nas produções apresentadas pelos professores, agregam-se novos elementos, alicerçados no que veio antes.

3. Maria Isabel da Cunha. “Conta-me agora! – As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino”. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo, v. 23, nº 1-2, jan./dez., 1997.

4. Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. *Caderno do Professor*. São Paulo: Cenpec/Fundação Itaú Social, Brasília: MEC, 2012.



Programa *Escrevendo o Futuro*

2003 Os relatos de professores dos alunos semifinalistas de 2002 subsidiaram a primeira publicação voltada para essa questão: *Voz do Professor*⁵, uma análise das concepções de linguagem e de ensino expressas nos relatos.

2004 A recomendação para o registro da prática foi incluída no regulamento da 2ª edição.

2006 Foi instituída uma premiação para a escrita dos relatos. O professor foi convidado a assumir um duplo papel: mediador da aprendizagem dos alunos – ao ensinar a escrita de um gênero – e autor de um texto no qual conta sua experiência – envio de orientações⁶ aos professores dos alunos semifinalistas. O relato da prática pedagógica é enfatizado como oportunidade para reflexão e aperfeiçoamento, propício à articulação entre a teoria e a prática. Estabelece “um diálogo entre o passado vivido, o presente de quem recorda e os leitores do texto”, indicando esse jogo entre ontem e hoje. As orientações sugerem incluir as vozes de pessoas implicadas no processo, como alunos, pais, coordenador, diretor ou autores lidos, direta ou indiretamente citados; o professor pode escrever sobre vivências significativas, bem como sobre obstáculos e o modo como foram enfrentados, destacando as particularidades do vivido.

Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*

2008 Foram incluídas nos *Cadernos do Professor* recomendações para que, no decorrer das oficinas, os educadores registrassem as atividades realizadas, anotando falas, impressões, dificuldades e soluções encontradas, reflexões que constituíssem a base para a elaboração do “Relato de prática”.

2010 Envio do texto “Relatar a prática: como e por quê?”⁷, que compara planejamento, diário e relato. O planejamento envolve a programação como um plano que leva em conta de onde se parte e aonde se quer chegar; o diário reúne fragmentos coletados durante os acontecimentos, sejam eles comentários, dúvidas, descobertas. Planejamento e diário têm o próprio autor como destinatário, enquanto o relato de prática é escrito para outro leitor e por isso deve conter a descrição e a análise do que se passou, de modo que alguém que não estava presente compreenda o processo. Para escrever seu relato o professor deve recorrer aos vários registros e documentos disponíveis, como amostras das produções dos alunos nas diferentes fases do trabalho, o que de fato aconteceu, as dificuldades e entraves enfrentados, dúvidas, reflexões e hipóteses, para compreender o que ocorreu. Duas questões são propostas para a elaboração do relato:

- O que você aprendeu com o trabalho realizado?
- O que você aprendeu com o que os seus alunos não aprenderam?

2012 O que acrescentar? Seria interessante, primeiramente, você, que deseja relatar sua experiência, revisitar as orientações anteriores. A maioria delas pode ser consultada na íntegra na Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro* < www.escrevendoofuturo.org.br >, na seção Formação > Na prática > Relatos.

5. Anna Helena Altenfelder. *Voz do Professor*. São Paulo: Cenpec/Fundação Itaú Social, 2003.

6. Heloisa Amaral. “Na prática a teoria é outra?”, in: *Na Ponta do Lápis*. São Paulo: Cenpec, ano III, nº 5, abr., 2007, pp. 14-15. Edição esgotada.

7. Elaborado pela professora Cris Zelmanovits.

■ Alguns lembretes

- Quem serão os seus leitores? Combine com alguns colegas – vocês podem ler o texto uns dos outros. Tendo seus leitores em mente, comece.
- Para ter o que dizer, é preciso lembrar e refletir sobre o vivido, quando seu planejamento, o diário, as observações e os registros feitos no decorrer das Oficinas tornam-se preciosos auxiliares, juntamente com produções da turma e demais documentos coletados durante o trabalho.
- Vale também buscar conhecer a visão dos que participaram do processo. Você pode pedir aos alunos que escrevam a esse respeito, que avaliem e destaquem o que sentiram, do que mais e menos gostaram; pode convidar outros envolvidos (coordenador, pais, entrevistados etc.) a darem seus depoimentos.
- Todo esse material reunido constitui a base para organizar suas reflexões. Contemple-o, escolha o que deseja contar, ressaltando o que houve de singular e único em sua experiência. O que, a seu ver, merece ser trazido à luz? Eleger um fio condutor em torno do qual organizar sua narrativa pode ser útil.
- Visite o *site* de Graciliano Ramos e leve em conta os ensinamentos dele para “quem se mete a escrever”, publicados na revista *Na Ponta do Lápis*, nº 9.
- Escrever, ler, reler, cuidar da organização das ideias, da seleção das palavras. Evitar os lugares-comuns⁸, os clichês para conseguir chegar ao âmago da sua experiência. Revisar até que não reste nada supérfluo.
- Narrar também é se expor – coragem! Lembre-se que elaborar o relato de prática é uma oportunidade de transformação.

8. Humberto Werneck, entrevistado deste número, reuniu lugares-comuns e frases feitas em *O pai dos burros*. Porto Alegre: Arquipélago, 2009. Vale consultar!

Por tudo o que foi dito, vale a pena arriscar, você não acha?